

A DIVISÃO DO PARÁ EM DISCUSSÃO NA GRANDE MÍDIA PARAENSE: UM ESTUDO DOS DISCURSOS DO JORNAL *DIÁRIO DO PARÁ* (AGOSTO A DEZEMBRO DE 2011)

Israel Fonseca Araújo
poemeiro@hotmail.com

Aluno do Curso de Mestrado Acadêmico em Letras (PPGL-UFGA), Especialista em Estudos Linguísticos e Análise Literária (UEPA). Professor da área de Linguagens (Língua Portuguesa e Literatura), na Seduc-PA e na SEMED (Ig.-Miri/PA).

Apresentação

Desde o ano de 2009 venho trabalhando como docente de Língua Portuguesa, na Escola Estadual de Ensino Médio “Enedina Sampaio Melo” e, em 2011, passei a me questionar acerca da *postura* da mídia paraense/regional quanto ao tratamento dado à discussão do tema da Divisão do Pará¹, realizada no ano de 2011 visando a possível criação de mais duas unidades federadas: os estados de Carajás e Tapajós.

Analisando esse contexto que envolvia a cobertura jornalística da grande mídia paraense, sobretudo a partir das produções de *O Liberal* e *Diário do Pará*, em agosto desse ano apresentei um projeto de pesquisa (em formato de proposta pedagógica ou, quiçá, de uma pesquisa-ação) aos alunos(as) do 3º Ano do Ensino Médio “B”/tarde², turma com a qual eu trabalhava Língua Portuguesa (sempre as nossas vontades de trabalhar com a “língua em uso”), em dois encontros semanais. Tendo em vista o objetivo geral: “*Estudar os discursos veiculados pelo Jornal “Diário do Pará” (agosto a dezembro de 2011), no que diz respeito ao Tema da (possível) Divisão do Pará*”, foi possível perceber o quão importante, para os debates em torno das questões de Cidadania, poderia ser a análise da postura da Mídia jornalística sobre esse tema em questão. A referida turma, constituída de 25 a 28 alunos regularmente frequentando, a partir de sua maioria numérica demonstrou interesse e querer viver essa empreitada investigativa, o que pôde ser traduzido em forte estímulo para a realização da mesma.

Apresentada e discutida a proposta com o alunado, em seus principais aspectos³, passou-se a analisar os discursos do jornal “Diário do Pará” sobre a Divisão

¹ A Divisão do estado do Pará foi decidida pelo Congresso Nacional, em 2011, e negada pelo povo do Pará através da Consulta Plebiscitária, realizada dia 11/12/2011, um fato histórico que fora fortemente vivida no Pará, além de ter movimentado imprensa e argumentos Brasil afora.

² O sistema educacional do Pará, cujo órgão executor é a Seduc, Secretaria Executiva de Educação, usa códigos/sigla para identificar as turmas; a nossa tinha como código: M3TR02, sendo: M = Ensino Médio; 3 = série, 3º ano; TR = turno/tarde, ensino/regular; 02 = turma “B”.

³ Por que realizá-la; quais as vantagens de concentrar as atividades didáticas num projeto, com objetivos decididos antecipadamente, a problematização sugerida e hipótese

do Pará, atentando para o “tom” discursivo: se marcado pela imparcialidade, ou se havia tendenciamento dos debates inseridos nesse ambiente midiático. As edições preferidas eram as impressas e dos domingos (dado o montante de materiais que costumavam aparecer e a presença de articulistas, entrevistados, especialistas, maior aprofundamento nos debates propostos, dentre outros motivos), mas as dificuldades de circulação do “Diário do Pará” em Igarapé-Miri fez com que as edições virtuais, colhidas em <http://www.diarioonline.com.br/>, fossem fundamentais para a realização dessa experiência pedagógico-investigativa.

Em seguida, tem-se uma breve caracterização do *locus* desse estudo, a Escola “Enedina Sampaio Melo”.

Caracterização da escola e da turma

A Escola Estadual de Ensino Médio “Enedina Sampaio Melo” está instalada em Igarapé-Miri, na região tocantina do estado do Pará, desde os anos 1970, completará 40 anos em 2014, pertence à rede pública de ensino do estado do Pará e em sua trajetória educacional já ofertou toda educação básica: das séries iniciais ao ensino médio, sendo a maior escola do município – que tem a seu favor o fato indiscutível de ser uma unidade escolar que “formou” a maioria de seus atuais docentes (em Magistério), que saíram para cursar Licenciaturas e voltaram para atuar como Docentes, já concursados.

Seus docentes atualmente têm os respectivos cursos de Graduação, muitos com especialização nas suas áreas “específicas” (Letras, Matemática, História, Geografia, Sociologia...), uma Mestre em Educação em sua equipe técnica/pedagógica (atualmente cursando Doutorado em Educação) e mais quatro profissionais cursando Mestrado nas áreas de suas formações. É uma unidade escolar que pratica a inclusão de alunos portadores de deficiências e já teve, em 2010, o primeiro aluno surdo-mudo (matriculado em escola da URE 3, que abrange seis municípios) ingressando na Universidade Federal do Pará, para cursar Pedagogia em Abaetetuba, além de ofertar o ensino médio “regular” e a EJA – Educação de Jovens e Adultos; também está participando do Projeto “Jovem de Futuro” (Seduc/Unibanco) e “Ensino Médio

levantada(s); o apoio numa opção teórica – a Análise do Discurso francesa, com a possibilidade que se tinha de buscar entendê-la sucintamente para que se pudesse entender que a produção do “Diário do Pará” poderia ser vista como uma **prática** discursiva, em que a (im)parcialidade poderia ser bastante questionada...

Inovador". A escola atendia, em 2012, em torno de 35 (trinta e cinco) turmas de Ensino Médio – já que o ensino fundamental, municipalizado em 2001, é de responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação de Igarapé-Miri.

Quanto ao perfil do alunado, é formado majoritariamente por educandos de classes populares (tendo em conta o ponto de vista econômico), moradores da cidade de Igarapé-Miri (meio urbano) e de áreas rurais/campesinas, e se encontravam na faixa etária dos 16, 18, 22 anos; poucos alunos tinham uma idade mais avançada.

A turma envolvida na pesquisa tinha entre 25, 28 alunos/as frequentando as atividades educativas, como frisado, sendo eles em sua grande maioria ainda discentes nas casas dos 18, 21 anos, com alguns aprendentes já tendo ultrapassado os 23, 25 anos. Tratava-se, obviamente, de uma turma bastante heterogênea quanto ao "nível" de leitura/letramento, seus integrantes vinham de escolas públicas – muitos da mesma "Enedina", seja no Ensino Fundamental, seja nos anos anteriores do Ensino Médio e enfrentavam dificuldades para permanecer e obter sucesso na escola e nas aulas de língua portuguesa, como se pode supor a partir das informações prestadas neste texto. Uma parte significativa da turma não trabalhava durante o dia (turno da manhã), e alguns se deslocavam por bem mais de uma hora dos meios rurais para poder chegar à escola (sediada na cidade), trazidos pelo transporte escolar coletivo de responsabilidade da Prefeitura de Igarapé-Miri.

Fundamentação teórica

A teorização adotada quando da execução da pesquisa vem dos Estudos Linguísticos, com centro teórico-analítico na Análise do Discurso (AD, de filiação francesa), conforme se entende de Gregolin (2007, p. 11), para quem essa disciplina é entendida como "um campo de pesquisa cujo objetivo é compreender a produção social de sentidos, realizada por sujeitos históricos, por meio da materialidade das linguagens". Assim entendido, o estudo proposto deveria relacionar os aspectos produção-circulação social dos sentidos, sujeitos históricos e linguagem (da mídia, nesse caso). Isso, claro, da maneira que turma e professor conseguissem equacionar. Outro ensinamento importante para essa pesquisa realizada diz respeito à noção de discurso, mais exatamente entendidas as produções de matérias do "Diário do Pará" como discursos que se inter-relacionavam (seja quando nitidamente se digladiavam os discursos Pró e Contra as duas unidades pretendidas, seja quando das enunciações (im)parciais de responsabilidade dos próprios jornalistas).

Nessa direção, seguimos com Alves (2004, p. 6): “a definição de discurso(...)é algo que envolve um certo grau de complexidade. A dificuldade reside no fato de toda a produção linguística ser considerada ‘discurso’”. Para o nosso caso, e a propósito de “toda produção linguística”, focamos o estudo nos textos do “Diário”, como já frisado; Charaudeau & Maingueneau (2008) assim nos ensinam sobre as raízes do termo *discurso*: “Em linguística, essa noção, proposta de Guillaume, conheceu um impulso fulgurante com o declínio do estruturalismo e o crescimento das correntes pragmáticas” (p. 168).

Essa pesquisa focou o *discurso jornalístico*, que nada tem de discurso *menor*, pois, segundo Maingueneau (2008),

não se trata de um procedimento de análise do discurso menos interessante, mas de uma maneira de mostrar que a análise do discurso se aplica a qualquer tipo de texto(...) (MAINGUENEAU (“Análise de Textos de Comunicação” – *Prefácio à Edição Brasileira*).

Ainda quanto à teorização atinente à AD, pode-se dizer que a mesma “considera que o discurso não está fixado *a priori*, como essência das palavras [...] há determinação histórica do sentido” (ORLANDI, 1994, 56 – grifo da autora). E, mais ainda: “o discurso é definido como *processo social* cuja especificidade está em que sua materialidade é linguística”. (*idem*, p. 56 - grifamos). Dessa maneira, o Discurso leva em conta tanto “a ordem própria da linguagem” como “o sujeito e a situação” (*idem*, 1994, p. 53). Essa corrente teórico-metodológica, a AD, encontra-se, na opinião de Brandão (2012, p. 103), diante de um importante *desafio*, resultado de sua condição de materializar, na linguagem, as contradições ideológicas que existem na sociedade, desafio esse que a autora assim descreve: “realizar leituras críticas e reflexivas que não reduzam o discurso a análises de aspectos puramente linguísticos nem o dissolvam num trabalho histórico sobre a ideologia”.

Para fins didáticos e para uma demarcação meramente cronológica, informamos que, de acordo com Gregolin (2003, p. 10), a Análise do Discurso fora constituída na França, no final dos anos 1960 e a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux e Michel Foucault. Já quanto a sua finalidade, afirma a autora que a mesma “nasceu com o objetivo de explicar os mecanismos discursivos que embasam a produção dos sentidos”. Essa caracterização proposta pela analista veio a fortalecer a crença nesta pesquisa, uma vez que a produção textual (e discursiva) do “Diário do Pará” deveria ser analisada a partir de seu funcionamento discursivo, das estratégias linguístico-

discursivas adotadas, tendo como horizonte máximo a compreensão dos possíveis sentidos estabelecidos/construídos/sugeridos.

No caso do discurso *jornalístico*, parece contar ponto positivo a seu favor “a associação, no mesmo texto, de signos *linguísticos* e signos *icônicos* (fotos, desenhos etc.).” (MAINGUENEAU, 2008, p. 57 – grifos do autor), ocorrência que é bastante presente nas matérias de jornal, como é o caso do “Diário do Pará”.

Dominique Maingueneau (1997, p. 23), tratando do discurso, diz que o mesmo é entendido como uma noção que “não é estável”, pelo que se entende um “conjunto de enunciados realizados, produzidos a partir de uma certa posição”. Assim sendo, o mesmo vem a ser entendido não somente como um conjunto de enunciados (textos, chamadas de capa, respostas de entrevistas – em nosso caso), mas como uma manifestação linguageira intimamente atrelada a posição(ões) de sujeito(s). Pensamento compartilhado por Possenti (2002, p. 181), que quando fala sobre *sentido* e *efeitos de sentido* esclarece que “qualquer enunciação supõe uma posição, e é a partir dessa posição que enunciados (palavras) recebem seu sentido”. Para a proposta de pesquisa aqui relatada, esse *conjunto* foi constituído pelos textos produzidos (pelas matérias produzidas, construídas) e veiculados no jornal “Diário do Pará” entre os meses de agosto e dezembro de 2011.

Ensina Sírio Possenti sobre o nascimento de discursos, quando diz que os mesmos “não surgem apenas se certas condições são satisfeitas, mas também que eles podem afetar essas mesmas condições.” (POSSENTI, 2009, p. 80), o que equivale a dizer que a produção discursiva do “Diário do Pará” está marcada por toda essa *conjuntura social* e, mais enfaticamente, política, partidária, talvez por interesses que nós leitores(as) desconhecemos – que envolve vontades e interesses: seja pela criação dos dois estados pretendidos (Carajás e Tapajós), seja pela rejeição dessa possibilidade de criação, e lutas por “poder” político no estado do Pará.

A referida proposta de pesquisa esteve sustentada, ainda, nas diretrizes educacionais da Lei Federal n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996⁴; nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (MEC); no PCCR do Pará⁵ (Lei nº 7.441, de 2 de julho de 2010) e no PPP – Projeto Político-Pedagógico – da escola “Enedina S.

⁴ Instituiu as Diretrizes e Bases da Educação da Educação Nacional, instituindo, por exemplo, que [“Art. 3º] “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: (...) II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância; (...) XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.”

⁵ Sobre o Ensino Médio/Profissional, o Plano Estadual de Educação do Pará (instituído por essa Lei) define: “Garantir a integração da escola com a comunidade através de projetos educativos e culturais”.

Melo”, que define que o egresso dessa unidade escolar deve estar preparado para exercer sua cidadania em plenitude.

As noções de texto e de língua⁶ também foram muito importantes para balizar o estudo realizado, pois deram um norte para a atuação do professor da turma na condução dos trabalhos educativos e ainda tiveram relevância para que o alunado pudesse se situar em seus trabalhos de compreensão das matérias veiculadas pelo jornal.

Quanto à noção de língua, importa ter em vista que a mesma não é apenas um sistema autônomo de sinais, totalmente transparente, sem história e fora da realidade social dos falantes; ao contrário, é preciso entendê-la como um fenômeno marcadamente cultural, histórico, social, cognitivo, que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes, pois sua manifestação se dá no uso e se mostra sensível a esse(s) uso(s). Nessa linha de entendimento, os textos produzidos pelo “Diário do Pará” de início poderiam ser tomados como veiculadores de informações, inseridos no gênero notícias de jornal, para depois terem suas mensagens problematizadas a partir do pressuposto de que cada autor, quando assinava seu texto (ou na condição de parte do jornal), estava condicionado por suas formações ideológicas/discursivas, envolto no tempo-lugar da (pós-)modernidade, vivendo os condicionantes do momento histórico da possibilidade da “Divisão” do Pará. E assim se deveria olhar para os textos do jornal, buscar entender suas tessituras, tentar fazer as devidas inferências (já na *briga* com os sentidos possíveis que emanavam dos títulos).

Esse entendimento de língua, emanados de Marcuschi (s/d, não paginado), pode ser resumido neste enunciado – desse mesmo estudioso: “a língua(...) não é totalmente transparente, podendo ser ambígua, polissêmica, de modo que os textos poder ter mais de um sentido e o equívoco nas atividades discursivas é um fato comum”.

Já no que concerne à noção de texto, partimos de um entendimento de que o mesmo não é um produto acabado, nem um somatório de parágrafos e/ou períodos que se justaporiam e, dessa forma, os sentidos seriam produzidos. O mesmo é entendido, aqui, como um processo; “sendo um *processo*, o texto se acha em permanente elaboração e reelaboração ao longo de sua história e ao longo das diversas recepções pelos diversos leitores” (MARCUSCHI, s/d, não paginado, grifo do autor), sendo esses processos de reelaboração uma das principais responsabilidades

⁶ Baseado no texto *Exercícios de compreensão ou cópia nos manuais de ensino de língua?*, de Luiz Antônio Marcuschi (s/d, não paginado).

dos alunos/leitores do jornal. Além desses processos de reelaboração, há que se levar em conta os conhecimentos que as pessoas já têm, antes de chegarem a enfrentar os textos, o que justifica que

uma pessoa pode entender mais do que outra quando lê um texto, já que a compreensão dependerá também dos *conhecimentos pessoais* que os indivíduos têm(...) os conhecimentos pessoais, aquela enciclopédia que cada um construiu na sua mente, vão ser tão importantes na hora de compreender um texto (MARCUSCHI, s/d, não paginado, grifo do autor).

A Pedagogia, da *Autonomia*, de Paulo Freire também ajuda a entender a importância de uma atividade pedagógica como esta pesquisa. São ensinamentos desse grande mestre que ensinar exige risco e aceitação do novo⁷, exige apreensão da realidade, exige curiosidade e que exige, ainda, o reconhecimento do caráter ideológico da educação (Freire, 1996).

Metodologia adotada e descrição da experiência realizada

A Análise do Discurso (AD) é entendida nesta proposta como uma ferramenta teórica e metodológica, ao mesmo tempo, o que significa aceitar que a metodologia adotada no estudo vem das ferramentas dessa teorização. Ainda que essa teorização seja tida como ferramenta teórica e metodológica, é possível indicar que a metodologia de *pesquisa documental* fora empregada, pois as produções desse jornal impresso constituem ricos documentos de nossa história paraense, sem deixar de citar o momento ímpar por que se passava no Pará, em 2011, quando da realização do Plebiscito. Tais documentos, as edições do jornal "Diário do Pará" (agosto a dezembro de 2011), serviram como fontes primárias à realização do estudo proposto.

O trabalho prático, a operacionalização da proposta se deu basicamente da seguinte maneira. De início, fora apresentada e discutida a proposta, já aqui frisado; em seguida, foram feitos alguns estudos (mais superficiais) sobre a mídia, a imprensa e uma primeira noção de discurso (em dois encontros, ou seja, uma semana). O objetivo era alargar a compreensão da turma sobre esses pontos e ultrapassar mais a noção originada do senso comum; numa terceira etapa (já na terceira semana), começaram as análises das matérias do jornal "Diário do Pará", como segue.

⁷ Essa pesquisa foi uma primeira experiência desse porte, realizada sob nossa organização e responsabilidade.

A cada semana, uma parte da aula era reservada aos estudos das matérias do “Diário” que se detinham na problemática da “Divisão”. Fora da preferência para a realização de trabalhos em pequenos grupos, em que a solidariedade pode ser exercida, visando uma compreensão mais profunda dos textos publicados. As chamadas de Capa e as entrevistas foram muito importantes para as análises porque suas escolhas linguísticas feitas se mostraram reveladoras. Foi por meio de atividades de grupos foi percebido, logo nas primeiras semanas, que o “tom” dos discursos veiculados pelo “Diário” era muito desfavorável aos argumentos do “SIM”⁸.

Foram realizadas, igualmente, atividades individuais. Assim como nas atividades em grupos, a motivação principal vinha de perguntas/motivadoras que ajudavam o alunado a lidar com os vários gêneros textuais em circulação no jornal “Diário do Pará”. Os trabalhos individuais atuam no favorecimento da tomada de decisão pessoal, no sentido de forçar o aluno(a) a compreender, a seu modo, o texto que está lendo. Após as tentativas de compreensão individual e silenciosa, eram feitas pausas para conferir a compreensão da turma com relação às matérias analisadas; os direcionamentos dados por uma pessoa mais experiente no artesanato da leitura, o professor, serviam para mostrar à turma: se a compreensão estava autorizada pelos textos e, ainda, para indicar outros caminhos de leitura, pontuar a importância de tratá-la sob o ponto de vista da objetividade, da busca pelos sentidos pressupostos, buscando dar conta dos (inter)discursos que poderiam estar embutidos em enunciados aparentemente objetivos e imparciais.

Como já sugerido antes, os gêneros mais buscados nas páginas do “Diário do Pará” foram: entrevista, chamadas de Capa, editoriais, artigos assinados (de opinião), notícia, reportagem, além de materiais não-linguísticos, como as charges e os mapas. A importância desses gêneros também foi significativa, pois os mesmos permitem que o trabalho esteja baseado em textos reais e de grande relevância e impacto sociais; cada gênero desses apontados (quase todos já estudados em anos anteriores de suas respectivas escolarização) era explicitado pelo professor, buscados exemplos reais e/ou na memória coletiva da turma (por exemplo, comparando com os gêneros em circulação no jornal da cidade: o Jornal *Miriense*) antes de as análises serem propostas. Chamavam bastante atenção as entrevistas e as chamadas de Capa, uma vez que as primeiras revelavam tons diferenciados de pergunta para os integrantes

⁸ Havia duas Frentes constituídas, que apoiavam a criação dos Estados de Carajás e Tajajós. Se os argumentos evidenciados pelo “Diário” desfavoreciam o “SIM” (na maioria das vezes), logo engrandeciam e reforçavam os do “NÃO”.

das Frentes *Pró* e *Contra* a "Divisão", as escolhas linguísticas feitas pelos jornalistas etc.; o caso das chamadas de Capa pelo impacto que as mesmas provocam, e visam provocar, nos leitores(as) desse jornal, cujas construções linguísticas passavam uma ideia de apelação aos argumentos contrários à "Divisão".

Quanto à apresentação dos resultados da pesquisa na Feira Interdisciplinar da Escola "Enedina Sampaio Melo", realizada em dezembro de 2011, a participação dos discentes se deu via exposição oral com auxílio de materiais impressos, como *banner* (construído em tamanho padrão para facilitar aos visitantes e avaliadores externos/as a compreensão do trabalho realizado em sala de aula) e *Diário de Bordo* (livro de registros da pesquisa, que sintetizou os momentos realizados em sala de aula, as tomadas de decisão); foram escolhidos, coletivamente, seis (06) alunos para fazer a exposição durante a realização dessa citada Feira, ficando três no turno matinal e três, no vespertino - uma vez nosso "stand" estava concorrendo com os demais e havia regras quanto ao número de expositores na Feira.

É possível afirmar que, no centro do estudo realizado, estiveram os *gêneros textuais* jornalísticos/midiáticos, com ênfase para a análise das chamadas de Capa, dos editoriais, artigos assinados e entrevistas - dentre outros. Tal permitiu que a experiência didática fosse envolvida pelos discursos que circulam diariamente nos grandes jornais do estado do Pará⁹, o que reveste a leitura na escola de maior significado: pois esses textos falam da realidade vivida no dia-a-dia de um povo.

Da análise realizada

No segundo mês de execução dessa experiência pedagógica/investigativa já era possível perceber que a mesma poderia trazer bons resultados para a aprendizagem e para a experiência de discentes e docente. Ao final da pesquisa, no início de dezembro, fora possível trazer a lume algumas afirmações sobre a postura do "Diário do Pará" quando da Consulta Plebiscitária visando a *Divisão* do Pará.

De início, (a) que o jornal demonstrou algum distanciamento e não tendeu para os argumentos "SIM" ou "NÃO"; (b) depois, que demonstrou tendenciamento para os argumentos do "NÃO", postura perceptível em suas chamadas de Capa, em Títulos de matérias, em Perguntas (nas Entrevistas) etc.; (c) que deu ênfase à participação de

⁹ Além do jornal "Diário do Pará" (fundado em 1982), o povo paraense tem outro grande jornal, "O Liberal", em circulação há várias décadas. Entendidos pela sociedade como "rivais" são, de longe, os maiores e mais respeitados jornais paraenses da atualidade.

Parlamentares nas duas Frentes (*Contra* e *Pró-Divisão*) e personalidades paraenses reconhecidas regional e/ou nacionalmente (Exs: Senadora Marinor Brito, Dep. Edmilson Rodrigues; Paulo Henrique Ganso (jogador, à época, do Santos F.C.) e Dira Paes (atriz da TV Globo), inclusive evidenciando uma sugerida superioridade do “Não” em relação ao “Sim”, seja nas intenções de Voto (resultados de pesquisas de intenção de voto), seja em carreatas¹⁰, seja por meio de outros recortes.

Tendo em conta os dados coletados do *corpus* (sempre em continuum, pois as matérias poderiam surgir diariamente) fornecido pelo “Diário do Pará”, podemos indicar o que mais foi explorado, destacado pelo jornal nessa cobertura, a saber: as chamadas de Capa, as Entrevistas, as adesões de personalidades e as imagens (sobretudo fotos) que poderiam mostrar o quão *forte* estaria o “NÃO”. Deve ser ressaltado que essas foram estratégias percebidas coletivamente em nosso estudo, o que não significa dizer que seriam apenas esses os principais recursos usados pelo jornal.

Quanto às entrevistas, uma das que podem ser apontadas é a que fora realizada com o Prof. Dr. Carlos Augusto Silva Souza (Unama)¹¹, bastante longa, intitulada **“Divisão do Pará não é viável sob o viés social e econômico”** (em letras garrafais). Nessa construção enunciativa foi possível perceber que havia subjacente um argumento do tipo *não se deve dividir o Pará, pois o Pará que sobraria teria sérios prejuízos financeiros*. De outro lado, ainda fica mostrada a autoridade acadêmica de quem estaria autorizando essa fala, um Professor/Pesquisador da Unama, tendo título acadêmico de Doutor. É preciso atentar para o fato de, além desse argumento estar amparado na citada fala, nem no campo social, nem no econômico não haveria viabilidade para a “Divisão”.

Outra que pode ser citada é a Entrevista publicada na edição impressa do “Diário” de 04/12/11 (**“População não terá ganho algum com a divisão”**), que traz falas do Dep. Estadual Celso Sabino (PR), Presidente da Frente contra a criação do Tapajós. Para esse caso, o “Diário do Pará” ainda destacou vários aspectos positivos de Sabino¹²: Casado, pai de dois filhos, auditor fiscal do Estado, doutorando em Direito Público, em que se enfatizavam os *aspectos*: Família, ser *casado*; ocupação

¹⁰ “A frente contrária à divisão do Pará reuniu mais de 500 veículos em um grande cortejo que partiu do Ginásio Municipal de Ananindeua” e “formando um movimento de aproximadamente mil veículos, segundo estimativa dos organizadores”/DP, *online*, 28/11/11) etc..

¹¹ Publicada na edição de 21/08/11 e disponível em www.diarioonline.com.br.

¹² Sem que houvesse equidade em relação ao Dep. Federal Lira Maia (DEM), líder da Frente Pró-Tapajós, que é identificado na Entrevista como “um veterano do movimento separatista”.

profissional (Servidor Público); e Escolaridade, Titulação/Formação acadêmica/saberes científicos, Conhecimento: cursar Doutorado. Novamente o destaque é para desencorajar os leitores, pois a população iria apenas *perder*, caso houvesse a “Divisão”.

No que tange às *chamadas de Capa*, pode ser citada uma matéria impressa (“Diário”, 30/10/11), intitulada: “A Conta por Carajás e Tapajós. **DIVISÃO VAI CUSTAR R\$ 1 BI À UNIÃO**”, em que foi possível perceber que esse *tom* discursivo aponta para um prejuízo financeiro para o Cidadão brasileiro (e paraense), em caso de *Divisão* do estado do Pará. O jornal alertava, sem construções linguísticas mais eufêmicas, que o povo do Pará perderia financeiramente com isso, mais perderia ainda o povo do Brasil, uma vez que teria de ajudar a pagar essa “conta”.

É preciso lembrar que uma das principais estratégias dos vendedores de jornal é colocar os exemplares nas bancas de jornal, pelo que as chamadas podem ser lidas, pelas pessoas que populam as ruas das cidades, um tanto a distância. Esse efeito objetiva impactar os leitores: o que seria mais um motivo para que esses atentassem para o fato de não se decidirem pela “Divisão”.

Também as adesões de pessoas *importantes* da sociedade paraense, que amariam o Pará e não queriam vê-lo *dividido*, foram exploradas, com destaques pelo jornal – como as personalidades já citadas aqui; fato semelhante se dava no que tange às imagens usadas pelos jornalistas para construir e respaldar suas falas (logo, amparar seus discursos), o que vem a ser uma praxe no trabalho jornalístico.

Enunciar uma possível superioridade numérica era outra opção linguístico-discursiva do jornal, como podemos ler em: “A frente contrária à *divisão* do Pará reuniu mais de 500 veículos em um grande cortejo que partiu do Ginásio Municipal de Ananindeua, o Abacatão. Outras carreatas do ‘Não’ também saíram de diferentes pontos, se unindo durante percurso pelas ruas da capital, formando um movimento de aproximadamente mil veículos, segundo estimativa dos organizadores” (www.diariodopara.com.br; domingo, 27/11/2011, grifos nossos). Já o “SIM” não estaria com tanta aceitação, nas manifestações públicas. “Ao mesmo tempo, as Frentes Pró-Carajás e Pró-Tapajós realizaram uma carreata que iniciou com a concentração às 8h no espaço Aldeia Cabana e seguiu pelas ruas dos bairros da Pedreira, Umarizal, Canudos e Marco. *Cerca de 300 carros* integraram o cortejo, que encerrou na avenida João Paulo II, por volta de 13h30” (www.diariodopara.com.br (domingo, 27/11/2011, 13:23:23)) (grifos nossos).

No caso específico das entrevistas¹³ do dia 04/12/11 (Diário *online*), chamaram ainda a atenção o *tom* das perguntas dirigidas aos Líderes ora entrevistados. Vejamos os casos: I – Perguntas para Celso Sabino: P: Então que *interesses* teriam os que defendem a *Divisão*?; II – Para Lira Maia: P: O senhor acha que *só o aumento* do FPE já justifica dividir o Estado?; P: *Um dos discursos dos emancipacionistas é sobre o abandono, mas ao longo da história eles foram, em quase todos os momentos, aliados dos governos de plantão.* Por que não se lutou para levar recursos para essas regiões?; P: O que o senhor diria aos *cinco milhões* de paraenses que *vão ficar com apenas 17%* do território? Por que eles deveriam votar no sim?; P: A maioria dos eleitores, 64%, está no Pará remanescente. Matematicamente, é quase impossível sair a divisão... (grifos nossos)

Quanto à execução dos trabalhos, em sala de aula, já o expusemos no item anterior, mas é possível apontar para os trabalhos individuais e em grupos, de leitura, visando a compreensão dos textos selecionados e atentando para o porquê de estarem materializados em gêneros como entrevistas, legendas, chamadas de Capa. No caso dessas atividades de sala de aula (mas também das extra-classe), o que mais fora feito após a leitura dos textos eram os momentos de compreensão oral e escrita, coletivas, as anotações individuais em cadernos, as respostas a algumas perguntas provocadoras já anteriormente feitas pelo professor, além da busca por respostas para suas próprias indagações sobre a (im)parcialidade do “Diário do Pará”.

Quanto à reação do alunado, já o dissemos, fora das melhores possíveis, pois se mostraram bastante receptivos aos trabalhos e dedicados às atividades propostas, tendo alguns questionado bastante a postura do jornal e se posicionando criticamente quanto às escolhas linguísticas do “Diário do Pará”.

Resultados da pesquisa

É possível afirmar, com segurança, que essa pesquisa trouxe alguns resultados positivos para a aprendizagem em língua materna na Escola “Enedina Sampaio” e em relação à turma envolvida. Deixou, por outro lado, alguns apontamentos para experiências futuras, desse porte, que possam ser efetivadas nas nossas escolas.

¹³ Atentar para o tom das perguntas, às vezes sem chances de resposta/defesa por parte do Entrevistado. “P” = Pergunta; “R” = Resposta. Atentar para os aspectos englobados nas Perguntas: Economia; Política Partidária; Dimensão Territorial etc..

Antes de citá-los, porém, é importante listar os objetivos didáticos que nortearam a realização da pesquisa com os textos do "Diário do Pará", a saber:

- a) Problematizar o Tema da (possível) Divisão do Pará, polemizado na Mídia;
- b) Debater o papel/poder da Mídia na formação e/ou divulgação de posições acerca desse Tema e na instalação de Polêmicas como essa (da Divisão);
- c) Perceber o tom (*ethos*) discursivo produzido pelo *Diário*, acerca desse Tema;
- d) Estimular/fortalecer a prática de leitura-letramento na escola básica;
- e) Realizar uma atividade de pesquisa tendo os educandos dessa turma como verdadeiros participantes da mesma, o que os colocaria numa autêntica posição de pesquisadores(as);
- f) Tornar mais dinâmico o processo de ensinar/aprender em língua Portuguesa, pela participação da citada turma nesse processo pedagógico/investigativo.

Ainda é importante enunciar a problematização que motivou tal investigação: *Qual a postura do jornal "Diário do Pará" no que diz respeito ao tratamento dado ao Tema da Divisão do Pará, em suas publicações diárias e, sobretudo, domingueiras?*, pois a mesma mostra a preocupação que esteve no centro dessa análise.

Citamos os principais resultados que puderam ser percebidos quando da realização do estudo, ressaltando que alguns dos objetivos propostos estavam mais circunscritos (i) à iniciativa do professor, (ii) outros mais restritos a competências/habilidades a serem desenvolvidas pelos discentes, outros (iii) centrados nessa articulação docente-discentes. Assim sendo, os itens "a" (sobre a problematização do tema **Divisão** do Pará), "b" (debater o papel/poder da Mídia na formação e/ou divulgação de posições acerca desse Tema) e "d" (estimular/fortalecer a prática de leitura-letramento na escola básica) estavam mais restritos a essa articulação professor/turma; enquanto "c" (perceber o *tom* discursivo produzido pelo "Diário" sobre esse tema) e "e" (realizar uma atividade de pesquisa em que os educandos participam ativamente, ocupando posição de pesquisadores(as)) estavam mais focados nos discentes e, o item "f" (sobre dinamizar o processo de ensinar/aprender em língua Portuguesa) seriam uma responsabilidade maior do professor da turma.

Podemos afirmar que os objetivos agrupados em "(iii)" foram plenamente alcançados; tal se afirma com base: no que foi trabalhado em sala de aula (conforme as atividades já referidas aqui e tendo em conta a abrangência dessas atividades didáticas no que concerne à prática da leitura de textos de grande relevância social, histórica, às estratégias de leitura – como antecipação e busca de afirmações

pressupostas no texto, seleção e opção vocabular feita pelos jornalistas autores dos textos, ou de responsabilidade do jornal etc. –, assim como às atividades de escrita de pequenos textos, anotações no *Diário de Bordo* e outras produções, em que era possível explorar o ato de reescrever, de trabalhar a famosa “adequação à norma culta”, como requerem os processos seletivos de ingresso às universidades e/ou faculdades); na participação dos discentes às aulas *normais* e atividades da pesquisa, em suas produções orais e escritas e, talvez tanto importante quanto o que pode ser mensurado numericamente¹⁴, no comprometimento demonstrado pela quase totalidade dos educandos que se envolveram na pesquisa.

No caso dos objetivos “a”, “b” e “d”, é possível salientar, apenas a título de exemplo, que os que concerniam a problematizar o tema da *Divisão* e a perceber o *tom* do “Diário do Pará” no que tange a essa polêmica sobre a *Divisão* deram mais resultados no que concerne à atuação dos educandos – mesmo porque a prática da leitura/letramento não pode ser medida a não ser se pensarmos num *continuum*, o que pressupõe uma longa vivência com a mesma: o que não retira desse objetivo a sua importância, mesmo que se pensasse em um período de pouco mais de quatro meses.

Quanto ao item “ii”, que nesta análise engloba os objetivos “c” e “e”, também cremos que foram plenamente alcançados, uma vez que fora realizada uma pesquisa na escola (inserida nas atividades didáticas da disciplina Língua Portuguesa) e os discentes tiveram uma importante e até surpreendente participação (como já frisado aqui); para a quase totalidade deles, e para a experiência do próprio professor, a vivência investigativa se revelou muito rica, engrandecedora, produtiva e desafiadora (talvez o fato de a mesma ter sido apresentada como um bom desafio e pautada numa pergunta/problema tenha marcado esse último aspecto aqui relatado: *desafiadora*). Por exemplo, a cada duas/três semanas era feita uma breve análise do andamento do estudo, quando era indagando se estávamos tendo ou não resultados, olhando para os objetivos propostos, quais eram as principais dificuldades encontradas etc. De outro lado, o *tom* do “Diário do Pará” revelou uma espécie de bandeira do jornal quanto aos argumentos em disputa – uma leitura mais atenta das produções textuais (reveladoras de discursos¹⁵) deixou evidente um tratamento, uma

¹⁴ Aumento da frequência às aulas, quase nenhum caso de evasão escolar, pouquíssimos casos de retenção nessa disciplina, aumento nas notas bimestrais (foram dois os bimestres cobertos pela pesquisa: o terceiro e o quarto).

¹⁵ Podem ser citados o *discurso da não-divisão*, o *discurso da união*, de que seria mais inteligente “unir” e não “separar”; o discurso da perda de território (o Pará remanescente ficaria com apenas 17% da atual

cobertura que deixava o "SIM" em larga desvantagem em relação aos argumentos do "NÃO". E isso fora muito bem percebido, no coletivo, pela turma. As opções linguísticas desse jornal (que sempre tratava de "Divisão", não optando por "Emancipação", que tinha uma seção para tratar do Plebiscito, intitulada "**Pará Dividido**", com uma ilustração do mapa do Pará rachado em três partes), em suas chamadas de Capa, entrevistas e outros enunciados, mostraram ao alunado que a tal da imparcialidade fora abandonada pelos jornalistas. Assim, questionamentos passavam a ser feitos pelos discentes, como por exemplo se a proposta do "Diário do Pará" era informar a população sobre o Plebiscito ou se se pretendia *formar* opiniões bem direcionadas (contrárias aos argumentos do "NÃO") no imaginário dos leitores.

Por fim, quanto ao item "i", mais restrito às atribuições do professor à frente desse processo, talvez não seja tão fácil falar que fora plenamente alcançado. É verdade que a turma participou da pesquisa e de maneira envolvida, motivada; mas afirmar que essa proposta trouxe mais dinamismo ao citado processo poderia parecer menos distanciamento e mais paixão pessoal (inclusive pelo ato de educar). E os direcionamentos do professor, sua autoridade sugerida, exercida seriam (somente) atos benéficos ao processo de ensinar/aprender em língua materna? Melhor deixar, para este caso, as dúvidas; as afirmações poderiam trazer mais perigos do que certezas.

Avaliação dos Resultados

A pesquisa realizada com a citada turma trouxe importantes resultados para o processo ensino-aprendizagem em Língua Materna com a citada turma, sendo dos mais expressivos deles *um maior envolvimento dos discentes nas aulas e nas atividades do projeto* de pesquisa e *a consequente construção de um processo de maior responsabilização com as tarefas educativas*.

Além disso, é possível mencionar várias conquistas (para o Projeto e para esse de ensinar/aprender como um todo). *Inicialmente*, citamos a troca de saberes, entre professor/orientador e alunado; *depois*, a própria indagação sobre a *dinamização* desse processo, pois a experiência permitiu um "trato pedagógico"¹⁶ da questão, em

área territorial do Pará, em caso de haver a criação das outras duas unidades federadas pretendidas: Carajás e Tapajós).

¹⁶ Referência a um Projeto de nossa Colega de trabalho, Josimere Serrão Gonçalves, desenvolvido junto ao Alunado do Ensino Fundamental da Escola "Enedina Sampaio Melo", em 2011.

sala de aula, em momentos de discussão sobre a nossa realidade social e política – o que favorece o desenvolvimento da argumentatividade, a formulação de hipóteses, a percepção de que os discursos podem ser “perigosos”¹⁷ etc.; e *ainda* (mas não menos importante), a reflexão sobre o papel, o poder da mídia na atualidade, a problematização de sua atuação, a instalação de polêmicas de grande impacto social – como é o caso da discussão sobre a “Divisão” ou não do estado do Pará para a criação das unidades de Carajás e Tapajós, a exploração dos principais argumentos das Frentes em disputa; e (*por fim*) a realização de uma pesquisa desse porte, na escola básica, o que não é comum de acontecer por vários motivos, muitos dos quais citados e discutidos neste relato (sobrecarga de trabalho, estrutura/apoio das escolas, formação em serviço etc.).

Considerações finais – como uma *Conclusão*

O estudo teve início em agosto de 2011, início do 2º semestre letivo, e foi concluído no início de dezembro desse ano, sendo que seus resultados foram apresentados no dia 16 dezembro de 2011, durante a realização da III Feira Interdisciplinar da Escola “Enedina Sampaio Melo”.

A realização de uma atividade de pesquisa na escola básica pública pode ser visto como um desafio dos maiores que há para os docentes, se considerarmos que trabalhamos em dois ou três turnos, de segunda à sexta, sem tempo reservado para estudos, planejamentos e/ou momentos de articulação da escola com a comunidade, diálogo com pais/responsáveis de alunos etc., mas também pode ser visto como um importante desafio (inclusive devido às questões aqui levantadas), que pode ser encarado de frente e vencido; talvez a nossa experiência esteja circunscrita a este segundo aspecto.

Desafio que só faz engrandecer as atividades educativas, ainda mais quando se pensa na leitura à moda de um trabalho em coautoria, conforme apontado por Marcuschi (s/d, não paginado): “É interessante notar que se o autor ou falante de um texto diz uma parte e supõe outra parte como de responsabilidade do leitor ou ouvinte, então a atividade de produção de sentidos (ou de compreensão de texto) é sempre uma *atividade de co-autoria*” (pág., grifo do autor). Maior se tornava, dessa

¹⁷ Referência à hipótese de Michel Foucault, em *A Ordem do Discurso*, que afirma “a *produção* do discurso é ao mesmo tempo *controlada, selecionada, organizada e redistribuída* por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar *seus poderes* e *perigos*, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2011, p. 8-9, grifos nossos).

forma, o trabalho analítico dos discentes quando da luta com os muitos sentidos, os vários discursos que as matérias poderiam suscitar.

A estrutura organizacional das escolas, os calendários, as cobranças das secretarias de educação, os programas a cumprir (e os fardos emanados dos processos seletivos e/ou exames de avaliação) e outros aspectos podem ser entendidos como outros obstáculos, mesmo que não se ponha em discussão se eles são, ou não, relevantes. Lógico que não há educação escolar sem organização, estruturação e planejamentos. Mas a sobrecarga de trabalhos¹⁸ é um dos maiores obstáculos, na educação básica pública, à realização de experiências educativas mais motivadoras e, logo, de sucesso.

É possível afirmar que a turma selecionada para participar da pesquisa integrou-se efetivamente ao estudo, o que inclui a participação de discentes que, numa primeira vista, pareciam não “se interessar” pelos estudos, fato que se reverteu satisfatoriamente durante a execução da pesquisa, conforme já explicitado e comentado acima.

Ao final do estudo realizado, foram elencados os principais Resultados obtidos (e logo socializados na feira Interdisciplinar da escola, como citado antes); foi possível perceber que a hipótese inicial, que apontava para uma esperada imparcialidade na citada cobertura jornalística, teve de ser revista, pelos dados reunidos na pesquisa e em parte listados/analizados aqui. Fica uma espécie de lição a aprender, no que tange à possibilidade de serem realizados estudos desse porte (mesmo que à revelia das enormes dificuldades existentes), mas também quanto a elaborar uma proposta alguns meses antes da pesquisa entrar em execução e procurar discuti-la com a(s) turma(s) selecionada(s) (ou discentes selecionados) e equipe técnica-pedagógica. Mesmo que se leve em consideração que é comum tais equipes não terem formação acadêmica/científica *específica* na área da linguagem, com fundamentação em estudos linguísticos, nem formação no campo do ensino/aprendizagem de línguas.

As análises feitas apontaram para um tratamento muito parcial da parte do jornal no que tange ao Plebiscito em questão, como apontado neste texto. Mas o mais importante talvez tenha sido o fato de os alunos, em grupos e/ou com a ajuda do professor, terem praticado tais análises – o que não é uma prática crriqueira em

¹⁸ Nossa realidade, em Igarapé-Miri, municípios vizinhos e, por ex., Belém é bem emblemática, nesse sentido; importa afirmar que muitos professores(as) trabalham em duas, três ou mais escolas durante a semana; muitos, em municípios diferentes e outros, ainda, laboram nos três turnos de trabalho “regular”: manhã, tarde, noite. No período desta pesquisa o autor deste texto trabalhava nos três turnos, de segunda à sexta, e em três escolas.

nossas escolas, além do fato de se estar lidando com matérias que falavam de um fato histórico em acontecimento no estado do Pará.

Referências

ALVES, Débora. *A imprensa e o PT: uma análise de aspectos da polêmica em torno do plano de governo de 2002* (Dissertação: Mestrado em Linguística). IEL/Campinas, SP: [s.n.], 2004.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do Discurso*. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 02/12/1970 (21ª edição). Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades*. In: Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, vol. 4; n. 11, p. 11 a 25, Nov. 2007.

_____(Org.). *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos, SP: Claraluz, 2003.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas, SP: Pontes – Editora da Unicamp, 1997.

_____. *Análise de Textos de Comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. – 5ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

ORLANDI, Eni P.. *Discurso, Imaginário Social e Conhecimento*. *Em Aberto*, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994 (p. 52 a 59).

POSSENTI, Sírio. Observações sobre o interdiscurso. In: POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009 (p. 153-168).

_____. Sobre as noções de sentido e de efeito de sentido. In: POSSENTI, Sírio. *Os limites do Discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba/PR: Criar edições, 2002 (p. 167-186).